(DES) CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO CENÁRIO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO

Thaís Gabriela Blau[1]

Eliane Cadoná[2]

RESUMO: A música é um dos artefatos culturais mais presentes no cotidiano da população e o tipo de conteúdo veiculado nela, muitas vezes, reflete e influencia nos fenômenos sociais e nos processos de subjetivação. Este artigo tem por objetivo evidenciar a representação e a (des)construção da mulher e do homem nas músicas sertanejas universitárias, analisando criticamente os sentidos de gênero no cenário em questão, atentando às noções de sujeito ali expressas. O artigo foi construído através de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e documental. Foram selecionadas dez músicas do estilo sertanejo universitário mais tocadas no período de março de 2019 do site da Som Livre (somlivre.com). A análise dos dados se deu por intermédio da Análise de Discurso e resultou em dois eixos temáticos: *Decepção amorosa, alcoolismo, público e privado* e *sexualidade, relação sexual e posse*. Através deste estudo, evidenciamos a dominação masculina sob as mulheres e o culto ao uso de álcool após o término dos relacionamentos amorosos.

Palavras-chave: Música. Gênero. Sertanejo Universitário.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretendeu analisar criticamente os sentidos de gênero na atualidade, no que se refere às músicas mais tocadas no cenário sertanejo universitário. Também visou compreender como esse fenômeno se manifesta no cotidiano humano. Tendo em vista o contato das pessoas com a música em seu dia a dia, buscamos identificar sentidos de gênero que se reproduzem entre a população a qual se destinam as letras das músicas, utilizando, aqui, os Estudos de Gênero como crítica à organização social de diferença sexual pautada no binarismo, imposta pelo Patriarcado (SCOTT, 1995).

No decorrer da pesquisa, problematizamos as possíveis formas de subjetivação produzidas no cenário em análise, identificando como homens e mulheres são representadas pelo referido gênero musical. Com esse viés, foram analisadas algumas músicas que se estruturam a partir da figura do homem e da mulher, evidenciando a construção/desconstrução

[1] Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI/FW. E-mail: thais1232@hotmail.com.
[2] Professora da URI/FW. E-mail: eliane@uri.edu.br.

do feminino e do masculino nos dias atuais (ALVES; PITANGUY, 1985), por intermédio desse artefato cultural: a música.

Tendo em vista o que foi apontado, propomos analisar a (des)construção da mulher e do homem nas músicas sertanejas universitárias, atentando para as práticas discursivas de gênero e as noções de sujeito ali impressas.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Submissão e opressão: a mulher na sociedade

A mulher na sociedade sempre esteve sob a opressão do patriarcado. Ela estava a serviço do homem, exercendo papéis subalternos ao sexo oposto. Olhando pelo viés da História, observamos que as mulheres nobres se ocupavam com o cuidado da casa, com a educação dos/as filhos/as e dispunham, ao modo da época, de atividades de lazer. Já as mulheres das classes mais baixas eram submetidas a trabalhos no campo e, mais tarde, como parte do operariado, trabalhavam nas fábricas, sempre postas em situação inferior ao homem. No decorrer dos tempos, vários teóricos, de uma forma ou de outra, foram escrevendo e desvelando a opressão sofrida pelas mulheres (BEAVOUIR, 1940).

A filósofa Simone de Beauvoir se dedicou à escrita desse assunto polêmico e posto como tabu. Dessa escrita emergem inúmeros questionamentos na luta pela igualdade de gênero. No clássico dos estudos feministas, escrito no ano de 1940, *O segundo sexo*, Beauvoir aborda questões relacionadas ao papel da mulher na sociedade e à opressão feminina em um mundo dominado pelo homem. Salienta que o homem demostra a desigualdade no momento de competição e disputa dizendo que a mulher é incapaz de ganhar a vida sem ele (BEAUVOIR, 1940). Ainda, seguindo nessa linha, a autora se dedica também à reflexão sobre o espaço da mulher em diferentes setores da vida social, destacando a instituição do casamento e da maternidade.

A opressão da mulher também foi alvo de reflexão do sociólogo Pierre Bourdieu, em seu livro *A Dominação Masculina* (2012). Nele, o autor afirma que as mulheres conquistaram alguns direitos e se encontram mais conscientes da sua igualdade e reconhecimento social, isso considerando os movimentos feministas que eclodiram na Europa na década de 1960 e o movimento sufragista. Entretanto, muitos valores arcaicos e conservadores, que sustentam as ideologias hegemônicas perpetuam-se até hoje, como a visão machista de que a mulher ainda

deve saber se portar em sociedade, não deve se expor ou mostrar demais seu corpo, e até mesmo suas ideias.

Strey (2017, p. 01) traz que:

> Historicamente os seres humanos do gênero masculino são educados, socializados e treinados para resolverem seus problemas por qualquer meio, a fim de preservarem sua virilidade. [...] Os homens procuram ser superiores às mulheres e, além disso, também devem ser submissos aos outros homens, principalmente aqueles que não correspondem aos estereótipos de masculinidade vigentes.

As atividades masculinas são diferentes das femininas em espaços produzidos pelas esferas domésticas e públicas. Cada uma se constitui em um espaço pertencente a um dos gêneros. O afastamento da mulher da esfera doméstica, seu lugar "natural", é muitas vezes tido como uma degradação moral, consequência da exploração capitalista. (MOREIRA, 2012; CARLOTO, 2001, apud SANTANA; BENEVENTO, 2013).

Segundo Santana e Benevento (2013) a diferença entre os sexos pode ser vista na infância, quando as meninas brincam com panelinhas, vassouras e bonecas, sendo motivadas através do brinquedo a cuidar do lar, da família e da maternidade. Os meninos brincam com carrinhos, com bicicleta, com caminhão e de polícia, construindo a ideia de que o homem tem a função de sustentar família. Porém, a diferença entre os gêneros não se apresenta apenas dessa maneira. Se apresentam também nas remunerações no mercado de trabalho, na divisão do trabalho dentro do lar, no grau de cuidados ou de educação recebidos, na liberdade de escolha e no respeito ao tipo de vida que se deseja levar. A desigualdade gera uma situação desconfortável para as mulheres e impede o aprofundamento da democracia e a vivência da cidadania para todos/as. Do mesmo modo, as relações são acompanhadas de desigualdades de classe, de raça e de etnia, determinantes na construção de inúmeras discriminações e injustiças.

Historicamente, os homens são conduzidos à condição de provedores da família, sentindo-se obrigados a exercer o trabalho fora de casa, enquanto as mulheres são designadas a ficar junto de seus/as filhos/as, embora não seja esta fundamentalmente uma condição da natureza do sexo (BEAUVOIR, 1940). Em suas lutas, as mulheres ousaram reivindicar por espaços e direitos em um mundo culturalmente pertencente aos homens, pois esses sempre tiveram seus direitos garantidos. Elas buscaram conquistar o direito ao voto, à cidadania e ao mundo do trabalho, dessa forma, buscaram igualdade de oportunidades. Nada aconteceu por

acaso, todos os direitos que as mulheres possuem hoje foram conquistados através de suas reivindicações (SANTANA; BENEVENTO, 2013).

Segundo Carneiro (2012 apud SANTANA; BENEVENTO, 2013), a luta feminina é uma busca para a construção de novos valores sociais e morais. É uma luta pela democracia, que deve nascer da igualdade entre os sexos e evoluir para igualdade entre todos. A busca pela democratização das relações de gênero surgiu através da Constituição Federal de 1988. A mulher conquistou a igualdade jurídica e o movimento feminista foi imprescindível na luta pelo reconhecimento dos direitos da mulher e ainda é nos dias atuais. Tal luta vem sendo travada com a finalidade de acabar com o conceito de masculino e feminino na posição de superior e inferior.

1.2 Mídia e suas contribuições

A mídia é portadora de grande poder e precisa ser compreendida de forma ampla. Ela abarca os processos de produção, circulação e recepção de mensagens e conteúdos informacionais em diferentes plataformas e suportes tecnológicos. Isso se constituiu em um mundo simbólico, conhecido como as chamadas formas simbólicas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009).

Deve-se ressaltar que a mídia não se constitui apenas em uma tecnologia, como algo que produz impacto em nossas vidas. De alguma forma, ela nos faz reféns no momento em que nos tornamos seres automatizados e artificializados. De acordo com Guareschi (2006), a mídia é como o ar que respiramos, é a alma da sociedade e uma grande formadora de opiniões. Através da mídia podemos constituir várias formas de discurso e esses, quando unidos, acabam por criar uma série de comportamentos que envolvem e modernizam as práticas discursivas, conforme o período histórico em que estão presentes.

Através da mídia é possível perceber três deslocamentos que perpassam a prática da opinião pública. O primeiro deles é a substituição da ideia de uso público da razão para exprimir os interesses de um indivíduo. O segundo é de possibilitar que todo o público tenha o poder de formar opinião; e, o terceiro decorre de uma mudança na relação entre vários meios de comunicação, referindo-se a como é utilizado o espaço da opinião pública nos meios de comunicação (CHAUÍ, 2006).

Entretanto, pode-se se dizer que a mídia deve ser educativa. Vale lembrar que educar não é apenas informar. Através da mídia, constrói-se uma realidade com valores, os quais

servem como uma motivação de/nas nossas vidas e tracejam nas discussões do nosso cotidiano. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009).

Ao ganhar vida em meio a esse cenário midiático, o fenômeno da música se manifesta no cotidiano do ser humano, uma vez que possibilita que as pessoas se integrem a uma fonte sonora que partilha um mesmo fato musical, tornando-a uma manifestação cultural e socialmente compartilhada (SCHLÖSSE et al., 2016). Segundo Ilari (2005 apud SCHLÖSSE et al., 2016). A música na sociedade ocidental relaciona-se diretamente às relações interpessoais, associando-se tanto com as situações rotineiras do cotidiano, quanto a cenários que envolvem atração interpessoal.

As letras musicais transmitem importantes compreensões sobre valores tradicionais. Muitos desses valores são frutos do tipo de cultura que circula em determinado tempo, espaço/ambiente e o perfil da população que produz e utiliza tais mídias. Para que determinado estilo musical passe a mostrar os valores e entendimento da realidade do segmento que deseja atingir é necessário que aborde temas que fazem parte do cotidiano das pessoas e represente os problemas do dia a dia, como o abuso de álcool após o término dos relacionamentos.

As músicas que se ouve, de que se gosta ou não, fazem parte do universo sonoro, dando ordem pelo ritmo e beleza da melodia. Tem como função a exaltação de afetos como alegria, presentes em confraternizações, festas e em manifestações coletivas. As músicas são feitas tanto para serem apreciadas como para serem dançadas ou cantadas conjuntamente. É um elo, uma experiência que torna comum o mundo sonoro que envolve o ser. Não há como ficar indiferente quando se ouve uma música (SILVA, 2007).

Mas será que as pessoas param para interpretar as letras das músicas que estão escutando na balada, em suas casas ou no carro? Na maioria das vezes pode-se dizer que não, grande parte das letras dessas músicas passam despercebidas pela consciência, ou seja, as pessoas não conseguem prestar atenção no conteúdo trazido por essas canções.

A consciência é um termo importante para a Psicologia Social Crítica, pois está relacionada à questão da dicotomia teoria-prática, entre o falar e o fazer. Através desse paradigma busca-se romper com a alienação que se cria e aumenta as injustiças sociais. O aumento da consciência leva a uma maior liberdade. Quanto mais respostas eu consigo dar a essa pergunta, maior minha consciência. A consciência crítica leva à consciência ética, a uma responsabilidade que vem de dentro e não de fora (ROSO et al., 2002).

Então, quando se escuta uma música sem questionar sobre ela corre-se o risco de aprisionamento e manipulação e a Psicologia Social alerta justamente para essa manipulação de consciência. A mídia em geral e a música são produtos datados e situados historicamente, que produzem sentidos sobre o mundo e a sociedade. A música contribui para a construção da subjetividade e assume um papel de grande importância no processo de socialização. De acordo com Guareschi (2006), a mídia contribui para a construção da realidade social, atribui valores a essa realidade e influencia a construção da subjetividade.

Compreendemos subjetividade como um processo de formação multilinear, sem fechá-la em uma forma ou como fórmula explicativa. A subjetividade é entendida como um processo que admite uma progressiva construção que não segue padrões fixos, que é mutável no tempo e na história. Entender o ser é mais do que entender o que faz o ser, mas saber que esse próprio pensamento não pode ser totalizante, pois ele também é construído e está sujeito a modulações (SILVA, 2007).

A subjetividade se faz nas relações nos conjuntos sociais, nas escolas, na família, nos grupos da igreja ou onde quer que o humano esteja. Segundo Subtil (2011), no processo de socialização o papel da mídia seria trabalhar as formas de aproximação do sujeito com a cultura considerando que a cultura do som, da imagem e o dos meios eletrônicos impregna os modos de experimentar e conhecer o mundo.

Os efeitos do controle midiático começam a se tornar evidentes nos diferentes contextos da vida cotidiana. Os poderes exercidos pela mídia na sociedade contemporânea e de controle absorvem e neutralizam tudo o que se contrapõem no mercado (CARVALHO, 2012).

Como se sabe, as músicas, lendas, ditos populares traduzem as representações sociais (RS), que por sua vez são saberes do senso comum construídos e partilhados nos grupos sociais. Há cada vez mais uma discussão em torno da teoria das RS e elas estão ocupando espaço no campo da Psicologia Social proporcionando novas formas de olhar e entender os fenômenos sociais. Apesar da crítica essa teoria tem encontrado um imenso jardim e através das RS é possível compreender por que as pessoas fazem o que fazem (STREY; CABEDA, 2004).

De acordo com Strey e Cabeda (2004), as RS podem ser consideradas como uma forma sociológica da Psicologia Social, ou seja, as representações sociais são “teorias” sobre saberes popular e do senso comum, elaboradas e partilhadas, coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real. Por intermédio da mídia, criar representações sobre as

pessoas e as questões de gênero, no contemporâneo, são exemplos de como se dá vida aos papéis e aos modos como se enxerga e se narram homens e mulheres.

2 MÉTODO

Para a realização da presente pesquisa, partimos de uma pesquisa qualitativa e documental, por intermédio da análise de letras de músicas sertanejas universitárias. Recorremos à análise do discurso (SPINK et al., 2013), devido a essa linha teórica permitir observar as ideologias que perpassam as produções culturais de tempo e também pelas construções discursivas sobre o gênero. Esse termo não implica apenas na tomada de posições sobre poder ou desigualdade; é também utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente a informação sobre os homens e implica nos estudos um do outro. A palavra gênero também pode ser utilizada para designar as relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1995).

Em um primeiro momento da pesquisa realizamos a coleta das músicas no site da Som Livre (somlivre.com). A mesma é uma gravadora musical brasileira que tem a finalidade de desenvolver e comercializar trilhas sonoras. Assim sendo, elencou-se as dez músicas sertanejas mais tocas no período de março 2019. Em um segundo momento, foi realizada análise das letras musicais escolhidas sob a perspectiva dos Estudos de Gênero, da Psicologia Social e da Análise de Discurso. As letras foram submetidas a uma análise sob a perspectiva das práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano, desenvolvida por Spink et al. (1999). Após tal movimento, foram elencados os seguintes eixos temáticos: *decepção amorosa, alcoolismo, público e privado* e *sexualidade, relação sexual e posse*.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram analisadas 10 músicas sertanejas universitárias, dentre elas, oito são interpretadas por cantores do sexo masculino, sendo que apenas duas músicas possuem participação de artistas femininas na canção, uma é apenas participação coadjuvante. A composição das letras das músicas é outro fator que, após análise, evidencia que a maioria delas, nove, foram escritas por homens, com colaboração feminina em apenas uma das letras, que é o caso da música Propaganda, de Jorge e Mateus.

Na pesquisa, foi possível observar que os cantores são, em sua maioria, da região Sudeste e Centro-oeste do Brasil. Zé Neto e Cristiano, Breno e Caio Cesar são de São Paulo, enquanto Jorge e Mateus e Marilia Mendonça nasceram em Goiás. Já as cantoras Maiara e Maraisa são naturais do Mato Grosso, Luan Santana do Mato Grosso do Sul e Wesley Safadão do Ceará.

Outro fato em comum entre as músicas que pode ser observado é a utilização de expressões e linguagem popular e com certa proximidade do público jovem que costuma ouvir esse gênero musical. Além disso, percebeu-se o uso da repetição de versos e estrofes na estrutura das músicas, que revela como o conteúdo das canções costuma ser restrito.

Os dados obtidos nesta pesquisa foram analisados com base em um *corpus*, cujo conteúdo está relacionado às letras de músicas do estilo Sertanejo Universitário, que abordaram as seguintes temáticas: decepções amorosas/alcoolismo/público e privado; e sexualidade (posse/relações sexuais). O *corpus* foi composto por dez músicas, nas quais o tema da decepção amorosa apareceu cinco vezes; questões ligadas ao uso de álcool por três vezes; no que se refere ao público/privado o tema apareceu em todas as canções; a sexualidade (posse /relação sexual) aparece em cinco canções.

3.1 Decepção Amorosa/ alcoolismo/ público e privado

Nas músicas que se referem a essa categoria, percebeu-se que o sujeito homem, após término de um relacionamento amoroso, busca fazer uso de bebidas alcoólicas na tentativa de amenizar o sofrimento causado pelo rompimento da relação. O mesmo não consegue ficar sozinho e vai para bares ou outro estabelecimento, na tentativa de esquecer a mulher amada. Caso a bebida que ele optou em tomar não esteja lhe ajudando, buscará algo mais forte, mais "quente" como evidencia a música *Long neck.* (ZÉ NETO; CRISTIANO, 2019).

O papel da mulher nesse cenário se restringe ao lar e à espera do marido com a janta pronta, casa limpa: " [...]E olha só pra você, eu assinei o Netflix sem poder. E fiz até um jantarzinho pra impressionar você". (MAIARA; MARAISA; ZÉ NETO;CRISTIANO, 2018)

Nessas composições musicais é possível perceber o abuso de álcool e os locais frequentados após o término do relacionamento:

> De long neck em long neck/ Uma hora a gente esquece/ Se não esquecer vou apela/ Pras bebida quente desse bar/ De long neck em long neck/ Uma hora a gente

> esquece/ Se não esquecer vou apelar/ Pras bebida quente desse bar/ Vai ser rabo de galo, conhaque e sina. (ZÉ NETO; CRISTIANO, 2019).

> Lá se vai mais uma noite que eu 'to virando/ No vazio desse apartamento, já 'to quase pirando/ Me bate o desespero empilhando garrafa/ Passa o tempo só você não passa/ No estado decadente que eu 'to/ A tristeza decora essa casa/ Eu sei que ninguém morre de amor/ Mas cachaça e saudade mata. (ZÉ NETO; CRISTIANO, 2019).

Nas temáticas trazidas pelas letras, observaram-se maneiras que os sujeitos desenvolveram para vivenciar ou esquecer esse período difícil, que é o fim do relacionamento. Por exemplo, nas canções *Long neck* e *Estado decadente*, interpretadas pelos cantores Zé Neto e Cristiano, foi possível observar que o homem, dentro da lógica patriarcal em que é investido, se utiliza de bebidas alcoólicas para conseguir superar o momento difícil no qual se encontra, e esse demostra dificuldades para lidar com o fim do relacionamento.

Pode-se dizer que o álcool funciona como um indutor de esquecimento, já que alterar a consciência usando de algum tipo de substância é um costume antigo na humanidade. (BARBOSA, 2012). Percebeu-se nas canções que o sujeito homem bebe para se anestesiar, então, a tristeza passa a não existir por alguns momentos.

Vale ressaltar, também, que o beber pode ser um ato tanto de socialização quanto de isolamento, isso irá depender da relação criada com a bebida e com o momento que aquela pessoa está vivendo. Já que em determinado momento o sujeito recorre às bebidas alcoólicas específicas para conseguir contornar e superar a situação difícil em que se encontra, bares e estabelecimentos similares são citados como os lugares para os quais o sujeito recorre para refletir sobre seus problemas e consumir bebidas alcoólicas.

O alcoolismo é uma das grandes doenças do mundo e tem crescido rigorosamente nos últimos anos. Isso gera um significativo impacto social, especialmente no Brasil. A ingestão alcoólica vem se tornando um hábito entre as categorias sociais que antes eram minorias dentro de tais costumes, como mulheres e adolescentes. Na maioria dos casos, a busca pela bebida está associada ao prazer que ela traz. (SANTOS, 2011).

O álcool possui características excitantes, euforizantes, de redução da ansiedade, efeitos anestésicos e neuroadaptativos, resultando em possibilidade de desenvolver tolerância. Tais aspectos podem ocorrer em determinada fase da absorção alcoólica e sob determinadas doses. Esses fatos podem contribuir para um reforço positivo da experiência de beber e para o surgimento da dependência psicológica. Sob a influência da experiência de vida e da cultura

do indivíduo, esse pode passar a acreditar que só seja possível conseguir vivenciar tais condições sobre influência etílica. (LOPES; REZENDE, 2013).

Talvez essa relação do homem com a bebida possa ser explicada pelo fato de que, desde muito cedo, a maioria dos homens são disciplinados a se mostrarem fortes, não chorar e não demostrar fragilidade, pois isso é "coisa de mulher". O homem acaba por buscar essa "ajuda" do álcool, pois se ele falasse sobre seus sentimentos estaria sendo fraco.

Segundo Rabasquinho e Pereira (2007) parece que as mulheres são mais socializadas no sentido de internalizar suas angústias do que os homens, o que colabora para desordens associadas à depressão e ansiedade. Os homens são encorajados a agir e apresentar sua angústia através do uso de substâncias como álcool e outras drogas. O que se pode perceber é que a sociedade apresenta uma maior tolerância para mulheres depressivas e homens alcoólicos do que o inverso.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OPAS BRASIL, 2019), o álcool é uma substância com propriedades que causam dependência e vem sendo utilizado em muitas culturas. Afeta as pessoas e a sociedade de muitas formas e seu efeito é determinado pelo volume consumido. Assim, o uso abusivo de álcool pode resultar em danos a si e/ou a outras pessoas, como membros da família, amigos, companheiras (os) e ex-companheiras (os).

Existem diferenças de gênero relacionadas ao álcool na mortalidade, na morbidade, assim como nos níveis e padrões de consumo de álcool. (OPAS BRASIL, 2019). Em grande parte das letras analisadas, a busca excessiva ou descontrolada do sujeito homem pelo álcool está relacionada ao término de seu relacionamento amoroso/decepção amoroso. O homem busca nessa substância um conforto, na tentativa de elaborar o fim do relacionamento.

A canção *Notificação Preferida*, interpretada pelos cantores Zé Neto e Cristiano, evidencia o fim de um relacionamento. Através da música é possível observar que o relacionamento foi acabando aos poucos e que a mulher mencionada provoca saudades no sujeito, como traz a letra: "[...] Foi, mas não é mais a minha notificação preferida/ Já foi, mas não é mais a número um da minha vida/Sinto em te dizer/Mas eu já superei você.". (ZÉ NETO; CRISTIANO, 2018). Através da canção, pode-se perceber que o personagem masculino foi aprendendo a esquecê-la, um dia ela foi o centro de suas atenções, mas, no momento, não é mais e apesar de ter levado considerável tempo ele conseguiu superar o término daquela relação afetiva.

O relacionamento amoroso acontece através do desenvolvimento de um sentimento de amor por um indivíduo. Tal sentimento é uma das mais intensas emoções humanas.

(STERBERG; GRAJEK, 1984 apud SCHLÖSSE et al., 2016). Nas músicas, interpretadas por Marilia Mendonça e Maiara e Maraisa, Zé Neto e Cristiano, observam-se conteúdos que apontam que a decepção amorosa ou o fim do relacionamento não foi por falta de sentimentos amorosos, mas sim, por atitudes do companheiro.

Na canção de Maiara e Maraisa, Zé Neto e Cristiano, percebe-se uma situação na qual o casal acaba se distanciando, e a mulher, na tentativa de resgatar essa relação, começa a pensar estratégias para uma reaproximação. Contudo, na maioria das vezes, essas estratégias acabam não funcionando, a mulher como forma de "chamar a atenção" de seu parceiro e da população acaba por reagir por intermédio da traição: "[...] Eu fiquei até altas horas e nada de você/ Você queria o quê? Traí/ Traí, sim, traí/ E trairia de novo". (MAIARA; MARAISA; ZÉ NETO; CRISTIANO, 2018).

Nessa canção é possível observar que a mulher mencionada é dona de si e que não se sente feliz com aquele relacionamento, busca ter relações extraconjugais, pois se sente no direto de fazer isso, uma vez que não está sendo valorizada por seu parceiro.

Strey, Cabeda e Prehn (2004, p 15) trazem que:

> As representações da mulher atravessaram os tempos e estabelecem o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, esposa dedicada, a "rainha do lar", digna de ser louvada santificada, uma mulher sublimada; em seu contraponto a Eva, debochada, sensual. Constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora. Aos homens o espaço público político onde centralizam o poder e a mulher, o privado o santuário do lar. Fora do lar as mulheres são perigosas para a ordem pública.

A mulher pública sempre foi vista como a mulher que pertence a todos, não ilustre, não investida de poder: "a mulher pública constitui vergonha, a parte escondida, dissimulada noturna, sem individualidade própria". (STREY; CABEDA; PREHN, 2004, p. 15).

A canção de Maiara e Maraísa, Zé Neto e Cristiano, mostra uma promoção da autonomia feminina, da mulher que tem desejos e que cansou de esperar pelo marido em casa. A mulher dona de si coloca em xeque essa ordem da identidade de gênero e sexualidade, na qual o homem é dominador e a mulher dominada, que deve aceitar tudo o que o homem faz.

Por outro lado também demostra uma elaboração da decepção amorosa por meio de atitudes que irão machucar o parceiro e até mesmo ferir sua honra/moral na tentativa de lhe causar ciúmes, raiva, culpa. Essa problematização apresenta ambivalências, pois evidencia, por um lado, a ocupação do feminino em outros espaços, que não os tradicionalmente direcionados pelo Patriarcado e, por outro, a presença da mulher em um espaço que a iguala ao homem, justamente naquilo que o feminismo sempre criticou.

Segundo Alves (2014 apud SILVA; FRANÇA, 2014), a mulher subversiva aos discursos patriarcais é chamada de pós-mulher, é a mulher dona de si, independente do homem. Ela não precisa dele para se divertir ou de sua permissão para frequentar lugares antes proibidos, conquistou seu espaço social e seu lugar de mulher independente no relacionamento. Essa mulher não precisa mais, obrigatoriamente, casar e ser mãe para ser vista como mulher. Manifesta seu poder pela produção corporal, que tanto enlouquece os homens, mas já não são mais o alvo de sua beleza, já que elas se produzem para si e não mais para o outro.

A canção *Ciumeira* descreve a história de uma mulher que se apaixona por um homem comprometido, e que no primeiro momento, como traz a música, aceitou essa relação, mas hoje não consegue mais lidar com esse relacionamento. "[...] Tá bom que eu aceitei por um instante/A verdade é que amante não quer ser amante.". (MARÍLIA MENDONÇA, 2018).

Há mulheres que se envolvem e se apaixonam por homens casados, como é caso da canção *ciumeira*, com isso, sofrem, pois nem todos os homens terminam seus relacionamentos para formar um lar com sua amante. Muitos deles insistem até que a mulher caia em uma armadilha ou no "papo" de um homem que só quer se divertir.

Por que as mulheres, em sua grande maioria, aceitaram e interiorizaram o modelo construído de relação entre os sexos? Pode-se dizer que filósofos, padres e médicos construíram argumentos que atingiram as mulheres. São elevadas à categoria de deusas, de rainhas, responsáveis pela nação, dignas de gratidão e respeito por toda a sociedade; por outro lado, as que se recusam cumprir seus deveres, de esposas, mães, são ameaçadas pelas piores punições: mulher má e psicologicamente doente. (STREY; CABEDA; PREHN, 2004).

A mulher amante é, de certa forma, aquela que se recusou a ser esposa. Ela ocupa outro lugar na relação, mas como a canção nos traz, ela está cansada dessa relação e com ciúmes do "parceiro". A amante é conhecida como a mulher que fica escondida, que deve ser mantida em segredo:

> Lembro quando você dizia / "Vou desligar por que ela chegou" /E a gente foi se envolvendo /Perdendo o medo /não tinha lugar e /nem hora /Pra dar um beijo /Coração não tá mais aceitando/ Só metade do seu te amo/É uma ciumeira /Atrás da outra /Ter que dividir seu corpo /E a sua boca /Tá bom que eu aceitei por um instante /A verdade é que amante não quer ser /Amante (MARILIA MENDONÇA, 2018).

O feminino é caracterizado como amor, natureza e é destinado ao espaço privado; ao masculino é caracterizado pela cultura, razão e poder, destinado ao espaço público. Esta

dicotomia constituiu uma oposição desigual entre homens e mulheres caracterizando uma submissão das mesmas aos homens dentro de uma ordem supostamente universal e igualitária. (STREY; CABEDA; PREHN, 2004). A mulher, nessa categoria, é submissa ao homem, a ela atribuído o privado do lar, o homem ao público para expor/vivenciar suas mágoas e seus sentimentos.

3.2 Sexualidade/posse/relação sexual

Nessa categoria, o papel do homem é de dominante e o da mulher submissa. Isso caracteriza as mensagens que essas músicas trazem, nas quais atribuem o papel da mulher como o da cuidadora do lar, frágil, indefesa, sem conhecimento e facilmente manipulada por seu "dono", seja representado pela figura de namorado, marido ou pai. Pode-se perceber isso na canção *Propaganda*: "[...]Ela ronca demais/Mancha as minhas camisas/Dá até medo de olhar/Quando ela tá/ naqueles dias". (JORGE; MATEUS, 2018). Pode-se dizer que no decorrer da música acontece uma contra propaganda, onde o sujeito, homem, expõe os defeitos da companheira para, no fim das contas, seu "produto" não seja atrativo para os outros. Não seria isso um ato de violência?

Segundo Strey e Cabeda (2004) entende-se por violência como qualquer ato de violação aos direitos humanos de qualquer pessoa, independente de características de gênero, etnia, idade, raça ou condição econômica e social. Quando uma pessoa tem seus direitos, sejam eles direitos mais elementares ou mais complexos violados, se está diante de uma violência. Se a violência ocorre pelo fato da vítima pertencer a um determinado gênero, como por exemplo, ser mulher, trata-se de uma violência contra a mulher. São violências cometidas em função das desigualdades não toleradas, mas principalmente, em virtude da força física, psicológica e econômica.

No que diz respeito à violência somente as mulheres têm sido sistemática e historicamente violadas simplesmente por serem mulheres. A grande parte dos homens violentam as mulheres com base no pressuposto de gênero, poder e superioridade masculina. (STREY; CABEDA, 2004).

A grande maioria das pessoas, quando está em relacionamento, acaba achando que o/a outro/a é a perfeição, e acaba por amar seus defeitos ou busca aceitá-los. O sujeito da música *Propaganda* faz totalmente o contrário, ele comenta com outras pessoas os pontos negativos da companheira: "[...] Ela ronca demais/Mancha as minhas camisas". (JORGE;MATEUS,

2018). O fato de o sujeito falar mal da companheira pode ressaltar que é através da violência emocional que o parceiro se auto-afirma na relação e mantém o controle. Há pessoas que só se sentem bem quando humilham o outro ou expõem seus defeitos.

Segundo Bourdieu (2003 apud SILVA; FRANÇA, 2014), a dominação masculina produz as mulheres e o campo feminino como objetos simbólicos. Com o poder sobre elas, os homens podem colocá-las em frequente estado de dependência e insegurança. Assim, exigem por meios dos mais variados discursos, como a música supracitada, que a mulher seja "boa" apenas para seu companheiro e para as outras pessoas seja desleixada, incapaz.

A canção *Vingança*, interpretada por Luan Santana e Mc Kekel mostra o homem como viril, capaz de "pegar" a mulher que quiser. Aborda que o homem deve exercer sua sexualidade com virilidade. Dessa forma, fortalece a posição dominadora e liberdade dos homens, onde eles são os únicos que podem tomar decisões dentro de uma relação amorosa ou conjugal: "[...] Eu vou pegar todo mundo/Virar /um vagabundo/Depois que eu ficar com essa cidade inteira/Aí cê vai lembrar". (LUAN SANTANA; MC KEKEL, 2018).

Segundo Bourdieu (1999 apud SAYÃO, 2003, p. 136), os homens impõem e afirmam sua masculinidade/virilidade a todo o momento. A virilidade "é uma noção eminente relacional, construída diante de outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino e construído dentro de si mesmo". A virilidade é uma carga a ser cumprida pelo homem e é algo que também lhe dá certo poder.

Através da análise das canções *Só Pra Castigar* e *Deixa eu Te Chamar de meu Amor* foi possível observar a questão da mulher como objeto, em um contexto sexual e de satisfação do prazer masculino, como se não possuíssem necessidades emocionais e psicológicas.

> Mas eu vou descontar/Naquilo que você mais gosta Hoje, cê vai sentir na pele/O que que é passar raiva/Vou dar meu melhor na cama de pirraça/Quando cê for virar o olho eu vou parar.../ Só pra castigar. (SAFADÃO, 2018).

> Sou do tipo que não fala/Por que muito melhor é fazer/Se duvidar eu mostro pra você/Que além de carinhoso/Na cama eu sei te dar prazer iê/Eu vou beijar o seu pescoço devagar/Garanto que sua perna fica bamba/Quando eu terminar/novinha/ Novinha (BRENO; CAIO CÉSAR, 2018).

Strey e Cabeda (2004, p. 170) trazem que:

> O modelo patriarcal de 1970 introduziu o conceito de patriarcado para definir o sistema social que oprime as mulheres. Sistema patriarcal condiz a uma organização social que rege os dois princípios básicos: as mulheres estão hierarquicamente

> subordinadas aos homens, assim como as mais jovens estão subordinadas aos homens mais velhos.

Nessas canções há um discurso de posse e virilidade do homem em relação a sua parceira. Observa-se no seguinte trecho: "[...] Mas eu vou descontar /Naquilo que você mais gosta /Hoje cê vai sentir na pele. /O que é que é passar raiva. /Vou dar o meu melhor na cama de pirraça". (WESLEY SAFADÃO, 2018). Na letra percebe-se a intenção do homem de controlar sua parceira através de comportamentos sexuais, a mulher é vista como um objeto de desejo e o homem que é o dominador da situação.

A violência sexual não acontece como resultado de um desejo sexual irreprimível, consequentemente a insanidade mental ou perversidade de alguns homens, representa o desejo de domínio ou de posse que torna o/a outro/a menos sujeito. O uso do corpo como arma ou como objeto de agressão está relacionado às representações da sexualidade entre homens e mulheres. Percebe-se que, nos dias de hoje, o sexo foi transformando em mercadoria e acabou por se promover uma sexualização da violência. Há uma erotização de bens concretos que desmitificam a sexualidade com a justificativa de "atração fatal", banalizando a violência. (STREY; CABEDA, 2004).

A mulher segue como objeto desejado e cobiçado, mas não é vista como sujeito, emprestando o corpo para a eroticidade, elas seguem predominante sendo articuladas por um modo de ser e perceber o mundo sob um domínio masculino. O ato sexual é indício da relação social de dominação, pois este existe tendo um masculino ativo e um feminino passivo, além de uma hierarquia em relação às posições e os atos. O homem está em cima e assim, simbolicamente, representa o dominante e a mulher que esta abaixo, seria dominada.

O homem é visto como dono da mulher, capaz de proporcionar a ela o que ela "deseja". A mulher é vista como objeto sexual e de desejo para o uso de satisfação sexual do homem, não importando, muitas vezes, se a mulher está gostando da relação como salienta o trecho da canção: "[...] Quando cê for virar o olho eu vou parar/Só pra castigar". (WESLEY SAFADÃO, 2018).

Tais músicas acabam por evidenciar e corroborar com a representação do homem como proprietário da mulher. São representações desta forma que naturalizam violências contra mulheres, afinal, ouvimos todos os dias essas músicas que circulam nos mais variados espaços.

A canção *Sofazinho* em sua letra retrata um cenário de uma família conservadora que impõe uma série de limites ao relacionamento da filha. Contudo, apesar disso, o casal

encontra maneiras de burlar tais limitações e agir de forma a confrontar o conservadorismo protetivo dos pais: “[...] Eles não sabem o tanto que a gente aprontou/Naquele sofazinho de dois lugares”. (LUAN SANTANA; JORGE; MATEUS 2018). Ainda hoje, mas de forma mais sutil, existe certa repressão sobre os atos e os comportamentos femininos, contexto em que a mulher passa por uma instrução de como deve se portar, se vestir e principalmente de sua relação com a sexualidade com seu corpo e seus desejos.

Moisés (2014) traz que a repressão feminina era e ainda é divulgada na sociedade, seguindo influências patriarcais, calcada em uma pretensa superioridade masculina. Essa repressão é amplamente exercida pela sociedade em geral, mas, principalmente, pela família e Igreja, através de ensinamentos cotidianos.

Esses movimentos procuram enquadrar a mulher dentro de um padrão socialmente aceito, o de mulher recatada, pura e submissa. No meio de toda essa repressão, como as mulheres agem para manifestar e exercitar sua sexualidade? Como a canção traz os lugares escondidos dos pais e inapropriados que os jovens de ”antigamente” tinham suas relações de prazer e sentiam-se livres para namorar são “recantados” no contemporâneo, dizendo também de que sujeitos se fala e se produz.

CONCLUSÃO

Foi possível compreender com a pesquisa, através do levantamento das dez músicas Sertanejas mais tocadas no período de março de 2019 no site da Som Livre (somlivre.com), como homens e mulheres são identificados em tal cenário. As músicas sertanejas universitárias evidenciam em suas letras representações de mulher como objeto de submissão. As mulheres são vistas como um objeto sexual e devem satisfazer as vontades de seus companheiros. Porém, uma nova categoria emerge, a pós-mulher, aquela que busca espaço na sociedade, que tem desejos e que é alvo de muitas críticas por fugir dos padrões impostos.

Outro dado levantado é que as canções do Sertanejo Universitário propagam o uso de bebidas alcoólicas na tentativa de suprir/esquecer uma decepção amorosa. O sujeito homem nas canções busca vivenciar o sofrimento após o término de seu relacionando manifestando seus sentimentos através do uso de substâncias etílicas, se trancando em casa ou frequentando estabelecimentos na tentativa de amenizar a dor que esta sentindo. Muitas músicas trazem em suas letras histórias reais, as quais revelam e, também, produzem sentimentos, emoções e memórias referentes a vivências afetivas do público que as ouve.

Pesquisas envolvendo outros gêneros musicais relacionados a questões de gênero é uma sugestão para trabalhos futuros. Vale ressaltar que o cenário musical está em constante atualização e traz problematizações interessantes a serem analisadas e discutidas.

GENDER (DE)CONSTRUCTION AT THE UNIVERSITY IN SERTANEJO SCENARIO

Abstract: Music is one of the cultural artifacts most present in the daily life of the population and the type of content conveyed in it often reflects and influences social phenomena and the processes of subjectivation. This paper aims to analyze the representation and (de) construction of women and men at university in "sertanejo univeristário" songs, critically analyzing the meanings of gender at university in "sertanejo" scenario, paying attention to the notions of subject presented there. The paper was structured through a descriptive, qualitative and documentary research. Ten songs of the most "sertanejo univeristário" style most played on March 2019 were selected from Som Livre website (somlivre.com). Data analysis was done through Discourse Analysis and resulted in two thematic axes: Love Deception, Alcoholism, Public and Private; sexuality, sexual intercourse and possession. Through this study, we highlight male domination under women and the cult of alcohol use after the end of the romantic relationships.

Keywords: Music. Genre. "Sertanejo Universitário".

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho à minha mãe Maria M. Blau, ao meu pai Milton Blau, à minha irmã Ana e minha sobrinha Bárbara. Agradeço a vocês pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Agradeço em especial a minha professora e orientadora Eliane Cadoná por todo apoio e confiança. Muito obrigada.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O Que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BARBOSA, Virginia Lúcia Moreira. Facilitando uma Conversa sobre Álcool e outras Drogas – um Convite à Reflexão. **Nova Perspectiva Sistêmica**, São Paulo, v. 21, n. 42, p.1-14, 2012. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.revistanps.com.br/nps/article/view/221/209>. Acesso em: 25 jun. 2019.

BEAVOUIR, Simone de. **Segundo sexo**: fatos e mitos. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1940.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRENO; CESAR, Caio. **Deixa eu te Chamar de meu Amor**. Composição: Dj Ivis; Vitinho Sanfoneiro; Walber Cassio. Duração: 0:2:38 min. In: Breno e Caio Cesar deixa eu te chamar de meu amor single digital. São Paulo: Som Livre: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iOv3RmqE9so>. Acesso em: 20 mai. 2019.

CARVALHO, Paulo Roberto de. Mídia e controle: implicações para a subjetividade contemporânea. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 12, n. 136, p.1-9, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Mídia e Psicologia**: Produção da subjetividade e coletividade. 2ed. São Paulo: Liberdade de Expressão, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. 57 p.

GUARESCHI, Pedrinho A.. Mídia e cidadania**. Conexão - Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul, RS, v. 5, p.1-14, 2006. Semestral. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/202/193>. Acesso em: 23 mai. 2019.

JORGE; MATEUS. **Propaganda**. Composição: Henrique Casttro ;Os Parazim; Márcia Araújo; Diego Silveira. Duração: 0:2:19 min. In: Jorge e Mateus terra sem CEP, CD. Goiânia/GO: Som Livre: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mQr7XemLs8s>. Acesso em: 20 mai. 2019.

LOPES, Andressa Pereira; REZENDE, Manuel Morgado. Ansiedade e consumo de substâncias psicoativas em adolescentes. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 30, p.49-56, 2013. Semana. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n1/06.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2019.

MAIARA; MARAISA; ZÉ NETO; CRISTIANO**. Traí Sim**. Composição: Henrique Casttro; Elvis Elan; Maykow Melo; Bruno Mandioca; Valdir Sousa. Duração: 0:2:58 min. In: Maiara e Maraisa reflexo deluxe digital. São Paulo: Som Livre: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xIEoF4r5FT0>. Acesso em: 20 mai. 2019.

MENDONÇA, Marília. **Ciumeira**. Composição: Guilherme Ferraz; Sando Neto; Everton Matos; Diego Ferrari; Paulo Pires; Ray Antônio. Duração: 0:3:17 min. In: Marília Mendonça todos os cantos, digital. Belém/PA: Som Livre: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KbRtA_brCQ0>. Acesso em: 20 mai. 2019.

MOISÉS, Leila Raquel dos Santos. Honra, sedução e defloramentos: Moralidade, relações e proibição em Limoeiro do Norte (1932-1949). **XIV Encontro Estadual de História do Ceará**: Anpuh, Ceará, v. 14, p.1-15, 2014. Bienal. Disponível em: <http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9416-30072014-205449.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2019.

NETO, Zé; Cristiano. **Estado decadente**. Composição: Rodrigo Reys; André Vox; Bruno César. Duração: 0:2:56 min. In: Zé Neto e Cristiano Acústico de novo ep digital. São Paulo: Som Livre: 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FbdNoF_CbR0>. Acesso em: 20 mai. 2019.

_____. **Longe Neck**. Composição: Rodrigo Reys; Bruno César; William Santos. Duração: 0:2:48 min. In: Zé Neto e Cristiano Acústico de novo ep digital. São Paulo: Som Livre: 2019. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=QoRb9JQEnQI>. Acesso em: 20 mai. 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, p.1-33, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>. Acesso em: 11 out. 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – OPAS Brasil. **Folha informativa** – Álcool. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5649:folha-informativa-alcool&Itemid=1093>. Acesso em: 29 mai. 2019.

RABASQUINHO, Cidália; PEREIRA, Henrique. Género e saúde mental: Uma abordagem epidemiológica(*). **Análise Psicológica**, Lisboa – Portugal, n. 3, p.439-454, 2007. Quadrimestral.

ROSO, Adriane et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicol Social.** Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 74-94, 2002.

SAFADÃO: Wesley. **Só Pra Castigar**. Composição: Diego Silveira; Lari Ferreira; Henrique Casttro. Duração: 0:2:45 min. In: Wesley Safadão - WS mais uma vez – digital. Rio de

Janeiro: Som Livre, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V_w_KA1VKoQ>. Acesso em: 20 mai. 2019.

SANTANA, Luan; KEKEL. **Vingança**. Composição: Douglas Cesar. Duração: 0:3:06 min. In: Álbum Luan Santana Live Móvel ep digital. Alagoas: Som Livre, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ex-cr18tKDE>. Acesso em: 20 mai. 2019.

SANTANA, Luan; JORGE; MATEUS. **Sofazinho**. Composição: Felipe Escandurras; Breno Casagrande; Samir. Duração: 0:3:12 min. In: Álbum Luan Santana Live Móvel ep digital. Alagoas: Som Livre, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFjqdEplaHc>. Acesso em: 20 mai. 2019.

SANTANA, Vagner Caminhas; BENEVENTO, Claudia Toffano. O conceito de gênero e suas representações sociais. **Educação Física e Esportes**. Buenos Aires, p.1-1, 2013. Mensal. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm>. Acesso em: 16 out. 2018.

SANTOS, Daniela Oliveira dos. **"A música sertaneja é a que eu mais gosto!":** Um estudo sobre a construção do gosto a partir das relações entre jovens estudantes de Itumbiara-GO e o sertanejo universitário. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Artes)- Curso de Artes, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2011. Disponível em: <http://www.ppga.iarte.ufu.br/sites/iarte.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Daniela%20Oliveira%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2019.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 121-149, 2003.

SCHLÖSSE, Adriano et al. Representações sociais de término de relacionamentos amorosos em músicas do sertanejo universitário. **Psicologia em revista**. Belo Horizonte, p. 1-21, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n2/v22n2a10.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**: Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 1-29, 1995.

SILVA, Letícia Tozzo; FRANÇA, Fabiane Freire. As músicas sertanejas mais tocadas: Que identidade de gêneros reproduzem? **Encontro anual de Iniciação Científica UNESPAR**. Paraná, p. 1 – 20, 2014. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/eventos/index.php/eaic/EAIC/paper/viewFile/3103/970>. Acesso em: 20 mai. 2019.

SILVA, Rosana Saldanha. **Canções, Mídia e Produção de Subjetividade**. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Curso de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/2007_d_Rosana.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2019.

SPINK, Mary Jane et al. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano.** Rio de Janeiro:Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

STREY, Marlene Neves. A violência de gênero é um dos fenômenos mais democráticos que existem. **Instituto Humanista UNISINOS**. São Leopoldo, p.1-1, 05 jul. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569341-a-violencia-de-genero-e-um-dos-fenomenos-mais-democraticos-que-existem>. Acesso em: 23 out. 2018.

STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa. **Corpos e Subjetividade em exercício interdisciplinar.** Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. **Gênero e Cultura:** Questões Contemporâneas. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

SUBTIL, Maria José Dozza. Músicas, mídias e escola: relações e contradições evidenciadas por crianças e adolescentes. **Educar em Revista**. Curitiba, p. 177-194, 2011. Mensal. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n40/a12.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2019.